

O descobrimento planejado do Brasil e a tomada de posse da terra prometida

Deus quer; o homem sonha, a obra nasce.

Deus quis que a terra fosse toda uma,

Que o mar unisse, já não separasse.

Sagrou-te, e foste, desvendando a espuma.

(Mar Português – Possessio maris – I. O Infante Fernando Pessoa, Mensagem)

Versão meio louca sobre o "descobrimento" do Brasil.

Ao longo deste capítulo, serão abordadas questões extremamente importantes e, infelizmente, pouco conhecidas. Antes de mais nada, é preciso esclarecer que o Brasil não foi "descoberto" em 22 de abril de 1500, conforme regularmente se ensina (e se comemora) e que a missa aqui celebrada em 26 de abril também não foi a primeira.

Em seguida, convém registrar que o "descobrimento" não se deu por acaso, como se costuma (ou se costumava) ensinar nos livros escolares; foi, ao contrário, cuidadosamente planejado pelos reis templários portugueses, que tinham conhecimento da existência destas terras do outro lado do Atlântico e sabiam das correntes marítimas para a elas chegar muito antes das primeiras navegações lusitanas.

Em terceiro lugar, é preciso retificar que o principal motivo para as grandes navegações não foi de ordem econômica, como costumeiramente se acre-dita; ao contrário, o projeto dos descobrimentos obedeceu, antes de tudo, a uma motivação espiritual - dentro do plano dos cavaleiros da Ordem do Templo ou de Cristo de chegar à Terra da Promissão, à Grande Ilha Sagrada ou Ilha Imperecível, onde seria feito, de acordo com as profecias , o Reino de Deus na Terra.

Em quarto, o nome Brasil não veio de pau-brasil (cor de brasa) como se ensina e, sim, é uma denominação que já existia antes da oficialização da descoberta, significando "terra abençoada".

Finalmente, quem nos colonizou não foram só bandidos degredados e gente da pior espécie, conforme se afirma injusta e inveridicamente; ao contrário, o Brasil foi povoado principalmente por uma elite constituída por cristãos-novos, cavaleiros templários e pessoas perseguidas (degredadas) por

questões ideológicas ou religiosas, como os festeiros do Divino. Vamos ver esses cinco aspectos um por um.

1343: Portugal Anuncia ao Papa a "Descoberta" da Ilha do Brasil

Oficialmente, sabe-se que os portugueses já no ano de 1343 ou antes dele aqui estiveram, enviados pelo rei de Portugal Afonso IV, filho de D. Dinis.

Afirma-nos Roberto Costa Pinho que "*o primeiro registro da Ilha Brasil encontra-se na Carta Náutica do cartógrafo genovês Angel Dalorto, elaborada em 1325, onde ela figura a oeste da costa sul da Irlanda, 175 anos antes do Brasil ser oficialmente descoberto.*"⁹⁸

Como podia um cartógrafo genovês saber da existência desta terra, que os irlandeses da época passaram depois a chamar de Ilha de São Brandão? De duas maneiras: ou porque teve acesso a mapas existentes (como os dos templários) – assunto de que falaremos mais à frente - ou porque, já nessa época, navegadores portugueses, orientados por genoveses, cruzavam os mares e aportavam no Novo Mundo.

Esta última hipótese sem dúvida é plausível, pois convém lembrar que o rei D. Dinis, de Portugal, nascido em 1260 e considerado o pai dos descobrimentos, contratou navegadores genoveses para construção da primeira armada portuguesa, com vistas às navegações marítimas futuras. Foi este monarca que plantou pinhais pelo reino, para fornecer a madeira necessária ao feitio das embarcações.

O ano de 1325, em que apareceu a Carta Náutica de Ângelo Dalorto, foi também o ano em que morreu D. Dinis, subindo ao trono seu filho Afonso IV. Dezoito anos após a morte de D. Dinis, em 1343, foi oficiada ao papa a descoberta da Ínsula Brasil, conforme registra Felipe Cocuzza: "*Sancho Brandão foi o navegador português que, a mando de D. Afonso IV chegou ao Brasil na Idade Média, conforme atesta Assis Cintra, em seu livro "Revelações Históricas para o Centenário", em 1923. Essa navegação foi informada por D. Afonso IV ao papa Clemente VI em carta de 12 de fevereiro de 1343, acompanhada de um mapa com a inscrição de "Ínsula do Brasil ou de Brandam". O nome Sancho, de Sanctius, o mais santo, ajudou a convergência para São Brandão.*"⁹⁹

Segundo este mesmo autor, mapas e textos europeus da Idade Média, entre eles o célebre "The Canterbury Tales", de Geofroy Chaucer (1380) ligam sempre o nome do Brasil ao de Portugal, às vezes dando idéia inequívoca de posse: Brasil de Portugal.

Esta "descoberta" de 1500 foi, portanto, uma "tomada de posse", uma vez que os reis templários de Portugal já sabiam da existência destas terras muito antes dessa navegação ordenada pelo rei Afonso IV, aliás preparada pelo seu pai, D. Dinis, chamado por Fernando Pessoa de "plantador de naus".

O Plano da "Descoberta"

Se quem conseguiu primeiramente sucesso nas navegações portuguesas foram os reis D. Dinis e Afonso IV, o monarca que ficou com a fama dos descobrimentos foi D. Manuel, o Venturoso, pois foi ele quem tratou da oficialização perante o mundo da descoberta do Brasil. O alegado "descobrimento casual" foi, na verdade, resultado de um plano cuidadosamente preparado durante séculos pelos reis templários lusitanos.

Foi esse plano que levou o rei D. Dinis a reflorestar Portugal, plantando os pinhais para fornecer madeira para as embarcações, duzentos anos antes do "descobrimento" oficial, e a criar a primeira armada portuguesa, com auxílio de navegadores genoveses. Depois disso, os reis dele descendentes continuaram o projeto de chegada à "terra prometida".

Os mapas e registros dessa terra e das correntes marítimas para a ela chegar (oriundos dos navegadores fenícios e hebreus), juntamente com profecias detalhadas sobre esse longínquo mundo, teriam passado ao poder dos cavaleiros templários quando, no século XII, fundaram a Ordem do Templo em Jerusalém, no mesmo local onde antes se situara o templo de Salomão, conforme vimos nos capítulos 5, 6 e 7 deste livro.

A Origem Templário (Espiritual) dos Descobrimentos

É do conhecimento das pessoas mais evoluídas que existem aspectos, ou mesmo fatos na História, ou ainda até a própria História que são deliberadamente omitidos ou ocultados por razões de quem tem o poder ou de quem quer se proteger dele.

Acreditar, como é ensinado por exemplo no Brasil, que seu descobrimento se deve a uma chegada fortuita e, mais, que o interesse pelo monopólio das especiarias motivou a expansão marítima portuguesa e os descobrimentos é ter, como diz Antônio Quadros, a visão limitada das pessoas que só enxergam até onde a miopia do dinheiro lhes permite.

Assim como o Império Romano se deveu ao estoicismo, Portugal do século XV ao XVI foi dono da metade do planeta e ainda invencível em terra e nos mares porque tinha um alvo muito além do mero interesse pelas riquezas, que certamente houve.

O Porto do Cálice ou Porto do Graal (Portugal), país templário por excelência, era naquele período um conjunto de forças e aspirações superiores condensados num só sentido: a expansão da fé de Cristo e a formação do Reino do Espírito Santo, baseado na tradição templária, com sua visão joanina, fundamentada na doutrina de Gioachino di Fiori sobre o advento da Terceira Idade - impelia-os a fé no destino de uma pátria messiânica portuguesa.

O principal móvel secreto dos descobrimentos, como bem assinalam Antônio Quadros e outros autores, foi de ordem espiritual: o desejo de construir o Quinto Império ou reino do Espírito Santo no mundo. Para tanto, conforme mostramos em nosso livro, ambicionavam chegar à Grande Ilha que, segundo as profecias, estaria destinada para tal propósito.

Rainer Daenhardt, historiador alemão, afirma que não é por acaso que os grandes navegadores portugueses dos séculos XV e XVI eram membros das ordens de Cristo e de Avis, nem é por motivos fortuitos que levavam em suas embarcações a cruz da Ordem de Cristo nas velas.

"A expansão do mundo português não foi o resultado ocasional de aventureiros que se lançaram à procura de conquistas de novas rotas marítimas para enriquecerem rapidamente e de qualquer maneira. Na História escrita por mãos portuguesas não houve a aniquilação sistemática de povos, religiões ou culturas, ao primeiro contato, como a extinção dos astecas, no México, dos Incas no Peru e dos Guanches nas Canárias, por exemplo. Com a Ordem de Cristo foi tudo diferente." 100

Para esse escritor, a expansão portuguesa não foi sempre pacífica, mas de qualquer modo, uma pequena nação pôde escrever páginas significativas na História da Humanidade, sem impor extermínio de populações. Foram cavaleiros iniciados que navegaram por todos os mares e levantaram padrões com símbolos da Ordem de Cristo, da Cruz de Avis e da Cruz das Quinas, circundada pelo escudo dos castelos.

Afirma Daenhardt que a orientação da Ordem de Cristo, que supervisionava toda a expansão marítima, imprimiu uma vontade férrea à atuação portuguesa, liderada por cavaleiros iniciados, vivos exemplos de uma interpretação da fé, bem diferente da missão que lhes estava destinada. Essa já era a força da "Fé de Portugal".

Brasil Não Veio de "Pau-Brasil"

Conforme foi afirmado anteriormente, o nome Ilha Brasil já existia antes do descobrimento oficial do Brasil por Pedro Álvares Cabral – quando, em 1343

o navegador Sancho Brandão representou o continente com o nome de Ínsula Brasil ou Brandam.

O pesquisador Felipe Cocuzza explica que "*durante a Idade Média, a lendária Ilha Brasil povoou a poesia, os mapas, as tradições, as profecias e o folclore. A palavra Brasil tem duas etimologias convergentes: o germânico brasa, que passou ao Latim e ao Português, de onde veio a designação pau-brasil, devido à cor vermelha e o celta BRAS ou BRES, paralelo ao inglês BLESS que significa benção; prende-se ainda ao hebraico BRACHA (ch aspirado como em alemão) também com o sentido de benção e ao sânscrito BRHAMA da raiz BRITH, expandir, irradiar; brilhar, com o sentido de Deus, benção, suma ventura. Portanto, Ilha Brasil quer dizer Ilha Abençoada.*"¹⁰¹

Livres-Pensadores, não Degredados

Diversos autores apontam que uma das maiores injustiças feitas ao Brasil é dizer que foi povoado por degredados, gente da pior espécie. Ao mesmo tempo, a história ensinada nos bancos escolares salienta, é claro, que os Estados Unidos foram colonizados por pessoas da melhor espécie. Autores como Cocuzza, Varnhagen, João Francisco Lisboa, entre outros, desmentiram essas duas falsidades infelizmente arraigadas na mente do povo por força de um ensino errôneo.

Na verdade, a maior parte dos degredados não eram prisioneiros de crime comum, mas livres-pensadores perseguidos por motivos ideológicos (Inquisição) como cristãos novos e humanistas. Não nos podemos esquecer, em honra dos portugueses, do belo trabalho efetuado pelos jesuítas (Nóbrega. Anchieta) com suas missões, e pelos franciscanos da Ordem Terceira. As duas ordens religiosas trouxeram ao Brasil a tolerância racial, o culto ao Espírito Santo, a Festa do Divino e o sonho de realizar o Reino de Deus na Terra. Saliente-se o povoamento feito por levas de famílias açorianas que se fixaram no Rio Grande do Sul - ou que fundaram, entre outros Estados, o do Espírito Santo, cuja capital, significativamente, chama-se Vitória.

Entre os degredados vindos ao Brasil, para felicidade de nossa terra, estavam os festeiros do Divino, que na Europa estavam sendo perseguidos pela Inquisição por anunciar o futuro Império do Espírito Santo. Neste país, eles organizaram as festas que existem com pujança até os dias de hoje. Constitui portanto uma insensatez dizer que foi má sorte para o Brasil ter sido colonizado pelos portugueses; que seria melhor termos sido colonizados pelos ingleses, franceses, holandeses, etc. É só ver o racismo, a intolerância e o clima

insuportável existente nas terras colonizadas por tais países, para suspirarmos aliviados por termos sido um país descoberto e povoado por lusitanos.

Vespúcio descobre o Paraíso Terresre

Américo Vespúcio (1452 a 1512), cosmógrafo e navegador, é um dos nomes mais importantes da história da descoberta do Novo Mundo. Graças às suas cartas, que se difundiram em forma de folhetins de sucesso e encantaram a Europa renascentista, as terras descobertas receberam o nome de América. Das quatro viagens que Vespúcio realizou, esteve no Brasil em três delas, comparando nosso país ao "paraíso terrestre":

"(...) fomos à terra e descobrimo-la tão cheia de árvores que era coisa maravilhosa, não somente a grandeza delas, mas seu verdor e cheiro suave, que delas saía e dava tanto conforto ao olfato que grande recreio tiramos disso. E o que vi aqui foi uma feíssima coisa de pássaros de diversas formas, e cores, e tantos papagaios que era deslumbrante; alguns coroados como carmim, outros verdes, e cor limão, e outros negros, e encarnados, e o canto dos pássaros que estava nas árvores era coisa tão suave, e de tanta melodia, que nos acontece muitas vezes estarmos parados pela doçura deles. E a mata é de tanta beleza e suavidade que pensávamos estar no paraíso terrestre. (...) Naquele país tal multidão de gente encontramos que ninguém enumerar poderia, como se lê no Apocalipse: gente digo mansa e tratável." ¹⁰²

Foi baseado nos relatos de Américo Vespúcio que Thomas Morus escreveu Utopia, que depois influenciou Jean Jacques Rousseau com a sua teoria do bom selvagem.

98 PINHO, Roberto Costa. Museu Aberto dos Descobrimentos – Portugal, Mito e História em Busca da Outra Banda da Terra. Editado por Fundação Quadrilátero dos Descobrimentos, FIESP, São Paulo, p.118.

99 COCUZZA, Felipe, A Mística da Amazônia, Zohar Editora, São Paulo, 1992, p.71.

100 DAENHARDT, Rainer. Missão Templário dos Descobrimentos. Edições Nova Acrópole, Lisboa, 1^a Edição, Maio de 1991, p. 26.

101 COCUZZA, Felipe. Amazônia Mística, op. cit, p. 71.

102 VESPÚCIO, Américo. Novo Mundo - Cartas de Viagens e Descobertas. (A Visão do Paraíso) – L & PM Ltda., Porto Alegre, 1984 (contracapa).

Esta obra completa se encontra no site: <http://www.scribd.com/doc/6698160/Claudia-Bernhardt-Souza-Pacheco-Historia-Secreta-Do-Brasil-O-Millennium-e-O-Homem-Universal>